



A DIÁSPORA DE AIMÉE G. BOLAÑOS EM
LAS PALABRAS VIAJERAS

NATÁLIA MOREIRA VIANA

Mestranda em História da Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Especialista em Educação de Jovens e Adultos na diversidade (FURG) e Licenciada em Letras – Língua Portuguesa, Língua Espanhola e respectivas literaturas (FURG).

Contato: natalia.viana.84@gmail.com

A DIÁSPORA DE AIMÉE G. BOLAÑOS EM *LAS PALABRAS VIAJERAS*

Natália Moreira Viana

RESUMO: Sendo a diáspora um tema em debate dentro da cultura contemporânea, pretende-se, neste artigo, dialogar sobre este conceito com base na compreensão da escritora cubana Aimée G. Bolaños e de seus estudos em alguns teóricos como Edward Said e Stuart Hall, entre outros. Pretende-se ainda, a exemplo do livro de poesias *Las palabras viajeras* (2010), da mesma escritora, analisar algumas de suas poesias a fim de demonstrar como o indivíduo escritor, que vive o processo de migração, independente de ser forçado ou não, acaba deixando por refletir em sua escrita os deslocamentos vividos, expressando suas dores, alegrias e descobertas.

PALAVRAS-CHAVE: poesia; diáspora; entre-lugar

AIMÉE G. BOLAÑOS' DIASPORA IN *LAS PALABRAS VIAJERAS*

ABSTRACT: As the diaspora is a topic of debate within the contemporary culture, this article aims to discuss this concept based on the understanding of the Cuban writer Aimee G. Bolaños and her studies on some theorists such as Edward Said and Stuart Hall, among others. In addition, this study also aims to analyze, following the example of the poetry book entitled *Las palabras viajeras* (2010), by the same writer (Aimee G. Bolaños), some of her poems to show how the individual writer, who lives the migration process, regardless of whether forced or not, ends up not reflecting the displacements experienced and not expressing the pain, joys and discoveries in the writing.

KEYWORDS: Poetry; diaspora; in-between place

Aimée G. Bolaños, cubana que reside no Brasil há aproximadamente quinze anos, é poeta, leitora e escritora de ficção. Atualmente, é professora de Literatura Hispano-Americana no curso de Graduação em Letras e professora na disciplina de Tópicos Avançados de História da Literatura pertencente ao curso de Pós-Graduação em Letras, ambos da Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Dentre algumas

publicações da escritora, em relação ao conceito de diáspora, está o texto para o *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos* (2010).

Aimée foi docente na Universidad Central de Las Villas, em Cuba, e fez seu doutorado em Rostock Universität, Alemanha, sem contar os momentos em que foi professora visitante fora de seu país. A partir disto, entende-se que devido aos deslocamentos entre diferentes culturas, tais mobilidades acabam por refletir na escrita da poeta. Conforme afirma a própria escritora: “Soy yo, pero no yo misma, tal vez y además, las Otras que me habitan en el viaje inacabado de mi diáspora” (BOLAÑOS, 2010a, contracapa). Por esta afirmação que se buscará em alguns poemas do livro *Las palabras viajeras* (2010) traços que demonstrem a marca diaspórica característica desta escritora.

Para Baumgarten,

O problema da diáspora tem marcado profunda e historicamente a vida de autores cubanos, anteriores e posteriores à Revolução comandada por Fidel Castro, daí ser o mesmo uma recorrência temática em suas obras. (BAUMGARTEN, 2006, p. 80)

A partir da afirmação do professor, percebe-se que o tema diáspora é típico dos indivíduos escritores que passaram pelo processo de migração, independente de ser um deslocamento forçado ou incentivado. Ao lembrar a origem grega do termo diáspora que remete ao significado de dispersar ou semear, cabe ressaltar a maldição que atingiu tal termo no contexto do Velho Testamento, o que ditou o êxodo do povo judeu: “Serás disperso por todos os reinos da terra” (BOLAÑOS, 2010b, p. 167). Na contemporaneidade, o conceito de diáspora é desenvolvido de maneira mais produtivo nas ciências sociais e abre-se para a reflexão, intensificando a análise das práticas culturais dos movimentos migratórios desta época, tornando-o complexo e até contraditório.

A produção de literatura, por emigrantes, muito tem a contribuir na investigação do termo diáspora. Edward Said (2003), teórico que discorre sobre conceituar o termo diáspora numa concepção pós-modernista, afirma que o intelectual cosmopolita é uma figura da realidade transnacional. É por isso que Said relaciona o termo diáspora a uma visão moderna que vai muito além do exílio e do regresso, mas sim a uma multiplicidade de identidades em trânsito, ou seja, a diáspora para ele se dá numa

perspectiva não negativa, mas embebida de questionamentos do eu que motivam a escrita desta trajetória para muitos escritores diaspóricos.

Said aponta ainda que o exílio:

[...] é a vida levada fora da ordem habitual. É nômade, descentrada, contrapontística, mas, assim que nos acostumamos com ela, sua força desestabilizadora entra em erupção novamente. (SAID, 2003, p. 60)

O entrar em erupção, conforme aponta Said, talvez possa ser pensado e revelado no procedimento da escrita destes indivíduos, sendo este o momento de expressar as perdas, de refletir profundamente a respeito da condição de emigrante, isto é, de buscar no passado e no presente formas que expressem sua identidade em trânsito. É entre uma cultura distinta das suas tradições que o exilado se autoafirma um ser nacionalista, evidenciando sua pátria, mesmo que sua saída desta não tenha se originado por uma decisão de escolha, mas sim de imposição.

Aimée G. Bolaños em seu texto *Diáspora*, que está presente no *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos* (2010) apresenta o discurso de alguns teóricos a respeito da diáspora. Cita, por exemplo, James Clifford que, ao estudar tal temática, reflete sobre a construção de lares longe do próprio lar e ainda, interessa-se pelo fenômeno contemporâneo da dimensão diaspórica. Ainda sobre o mesmo teórico, Bolaños (2010b, p. 169) aponta que este “apresenta a diáspora como um termo desestabilizador que fala de roteiros e raízes, cambiantes nas condições do mundo globalizado”.

Aimée apresenta ainda, em seu texto, a compreensão de diáspora entendida por Atvar Brah. Segundo Bolaños, para A. Brah:

A diáspora é um conceito geral, abrangente, daí sua força e fraqueza [...] Embora a palavra evoque trauma e separação, presentes em qualquer migração, diáspora também significa esperança e começo. Nomeia os novos lugares de contestação sociocultural, onde as memórias colidem para se refazer. (BOLAÑOS, 2010b, p. 170)

Desta forma, A. Brah afirma que, mesmo a diáspora sendo fundada numa perspectiva de dispersão, quando retratada num sentido contemporâneo, esta evidencia não apenas o desejo do regresso para a terra natal, mas especialmente, a nova localização. Como em toda diáspora o indivíduo tem consciência da sua origem, mas acaba dando a esta um espaço de subtexto em sua escrita.

Pode-se ratificar esta consciência de origem, por exemplo, no poema intitulado “Morada”, pertencente ao capítulo “Memorias”, do livro *Las palabras viajeras* (2010):

mi nueva casa es un puente
sobre um río que pasa
cuando lo atravieso
me sé en verdadera morada

mi nueva casa es un camino
sobre una tierra alada
cuando ando celebro
cada uno de mis pasos. (BOLAÑOS, 2010, p. 26)

De acordo com o poema nota-se que a reflexão se dá a respeito da nova morada, sendo a “ponte” uma forma metafórica de representar este entre-lugar que habita o indivíduo diaspórico. Além disso, o “río”, citado no poema, pode ser pensado como a identidade deste próprio sujeito que vive em constante deslocamento, movimento, assim como as águas. Ao citar, na segunda estrofe, que sua nova casa é um caminho, o eu lírico aponta a nova morada como um lugar que, assim como o seu “río” também é passível de deslocamento constate. Com isso, a partir de tais simbologias, o sujeito diaspórico celebra suas múltiplas identidades que vivem em trânsito devido a sua condição de emigrante.

Junto a este fator está a escrita sobre a viagem que narra os diversos contextos de múltiplas culturas ao qual o sujeito da diáspora vive e revive. Conforme questiona Stuart Hall (2003, p. 28): “Como podemos conceber ou imaginar a identidade, a diferença e o pertencimento após a diáspora?”. De acordo com Hall, é de senso comum, sobre o conhecimento da identidade cultural, que esta seja fixada no nascimento, através dos parentescos. Entretanto, tal afirmativa não procede quando relacionada a um indivíduo da diáspora, pois este pode colocar-se em dúvida sobre seu local e cultura de pertencimento. Assim, podemos observar no poema “Ante la puerta”:

estoy ante la puerta
¿dueña de las pruebas?
¿o en el desafío?
¿de las llegadas o las despedidas?

estoy en el umbral
¿de qué lado estoy?
¿transgresora o guardiana?
¿volviendo o de partida? (BOLAÑOS, 2010, p. 34)

Nas palavras de Bolaños (2010b, p. 170-171) “o sujeito diaspórico transforma-se na viagem transcultural, sendo transformador também dos espaços em que transita, efetiva formulação de mão dupla”. Assim, ao mesmo tempo em que se questiona quanto ao seu pertencimento, o sujeito diaspórico sabe que sua condição não é unívoca e, por isso, desfruta desta situação em uma escrita reflexiva interrogando-se, por exemplo, “¿de qué lado estoy?”. Na tentativa de descobrir-se e descobrir o seu próximo, o sujeito não aponta para o fato de que “a cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar”. (HALL, 2003, p. 43).

É nesta “formulação de mão dupla” que, mesmo perante os questionamentos, é possível ao sujeito diaspórico estabelecer uma relação paradoxal de dúvida e certeza. Ao afirmar no primeiro verso “estoy ante la puerta”, percebe-se através do eu lírico, a consciência de um indivíduo que encontra-se no começo de um movimento, ou seja, no princípio de conhecer um novo mundo, pois a “puerta” pode significar a abertura ou o fechamento para uma nova cultura. Entretanto, num segundo momento, quando no quinto verso expressa “estoy en el umbral”, este sujeito afirma sua condição de iniciante, podendo estar na entrada desta porta da qual ele desconhece o caminho que irá está por vir e ele deverá seguir.

Verifica-se também em Gustavo Pérez Firmat que ao desenvolver o conceito de três categorias de poética diferenciadas: a literatura do imigrante, do exilado e étnica dos cubano-americanos, tais categorias podem ao mesmo tempo contribuir na escrita uma das outras. Enquanto uma categoria caracteriza-se pelo idioma de partida e outra no idioma de chegada, a terceira categoria não tem crise identitária e desfruta da sua dualidade. O que Firmat aponta ainda é que o exilado pode aprender do escritor cubano-americano a arte do oxímoro. E mais, tais categorias distintas podem mesclar-se na escrita de uma mesma poeta, conforme é possível notar no poema “Mítico”, incluso no capítulo “Autorretrato”, também do livro *Las palabras viajeras*:

me tramo en el hogar del universo
 cuyo centro imprevisible trazo
 hilos entran y salen de mi vientre
 mientras la espiral de mis ovillos
 forma este impar mundo-casa
 mi ser dual preso también atrapa
 soy celosa protectora de una estirpe
 a cada ciclo de devoración renazco
 el sol ciño con redes poderosas
 de mí nacidas en gestación solitaria
 para que los fieros amantes de la noche
 se reproduzcan en mis confusas tramas
 hacedora de infinitos ilegibles
 fiel a lo ilusorio del tejido
 semejante a lo mismo y lo diverso
 soy la intrincada tela que imagino
 Ariadna, Araña, Airó
 Velada Maya
 Yo (BOLAÑOS, 2010, p. 39)

Inicialmente, pode-se analisar a seção da qual o poema “Mítico” está inserido. Sendo o capítulo “Autorretrato” o escolhido pela poeta, pode-se pensar que tal escolha não foi em vão, pois ao retratar-se em “Mítico”, a poeta está desenhando a si mesma, ou seja, representando-se através do seu olhar em outros olhares, fazendo de sua diáspora uma vida mítica e simbólica. Além disso, a poeta expressa em “Mítico” a busca de si mesma em sua viagem inacabada, sendo este tema recorrente dentre as poetas de diáspora cubana.

Ao expressar nos versos “me tramo en el hogar del universo”, e “soy celosa protectora de una estirpe” a poeta demonstra consciência de seu lugar de origem; entretanto, ao simbolizar sua vida através de um novelo, pode-se ter a ideia de uma vida em espiral, o que simbolicamente pode expressar uma vida em disseminação onde passado e presente cruzam-se constantemente formando “este impar mundo-casa”, ou talvez, construindo a identidade deste sujeito poético. Com isso, percebe-se que embora o sujeito tenha consciência de sua origem fixa quanto à sua vida atual, esta é representada num oxímoro cultural, sendo este uma arte característica do escritor cubano-americano. Nada melhor que passado e presente estarem representados em uma mesma linha neste poema.

Ao pensar na identidade cultural da poeta, outro traço a ser marcado é o verso “a cada ciclo de devoración renazco”, que pode ser remetido ao mito de Prometeu. A partir disso, a exemplo deste mito que expressa a regeneração diária do indivíduo, o sujeito diaspórico também renasce e inicia uma nova vida em seu entre-lugar

constantemente. Relacionando o mito de Prometeu a escritora, é possível entender tal representação não apenas por sua condição de emigrante, mas também por sua passagem em outras culturas.

No verso “soy la intrincada tela que imagino”, outro mito é possível desvelar: o mito de Ariadne, pois no momento em que a poeta se conceitua como uma tela, pode-se dizer que por evidenciar Ariadne, Bolaños nada mais é do que sua própria construção, ou seja, esta se tece conforme seus deslocamentos a motivam. Ainda através do mesmo mito e da significação de um labirinto, pode-se perceber outra representação desta escritora da diáspora no poema “Historia adversativa con final feliz”, quando em seus últimos versos consta “ella vive para siempre amada; en su isla-hilo-laberinto; un dia del tiempo humano; habrá de morir feliz”. Desta forma, tais versos denunciam que apesar da vida em um labirinto, “o seu poder redentor encontra-se no futuro, que ainda esta por vir. (HALL, 2003, p. 29).

Ainda em relação ao uso da mitologia, que é característico nesta escritora, nota-se a relação com Maya quando expressa “Velada Maya, yo”. Sabe-se, segundo a mitologia Hindu, que Maya foi mãe do Buda, sendo conhecida como deusa da ilusão, isto é, a deusa que permite ao indivíduo tecer sua própria vida, ocultando-se da realidade. Ao configurar-se em “velada Maya”, o sujeito poético opta, nesta escrita, por construir e visualizar apenas o que lhe parece bom aos olhos, fugindo então da verdadeira realidade, vivendo apenas como sua inteligência e imaginação lhe permitem.

Quando Gustavo Pérez Firmat fala em poéticas diferenciadas, percebe-se também no poema “Hogar”, de Bolaños, características pertencentes à categoria do exilado:

la puerta de la casa abierta
sueño feliz
de la viajera que regresa
al hogar desnudo
de la isla constante (BOLAÑOS, 2010, p. 25)

O desejo do regresso para o lar é expresso no poema através de um “sueño feliz”, demonstrado numa escrita retrospectiva e nostálgica. Na perspectiva da possibilidade de volta para casa ao sonhar com “la puerta de la casa abierta”, o sujeito poético demonstra sua noção de que “a presença de barreiras que o fecha num

território familiar, também podem ser a prisão e são, com frequência, defendidas para além da razão ou da necessidade”. (SAID, 2003, p. 58).

Na mesma perspectiva de regresso, aparece ainda o poema “Con aire y en movimiento”, que, ao utilizar uma epígrafe de Alejo Carpentier, expressa juntamente a possibilidade e a aceitação do deslocamento. Assim segue o poema:

Regreso a lo mío esta misma noche. Para mí es otro
el aire que, al envolverme, me esculpe y me da forma.
Alejo Carpentier

me hago en el aire
topo azul de los viajeros
situado en el centro
de la circunferencia
que un poeta escéptico
llamó Laberinto
o Universo
en su casa vital
me hago habitada
desde adentro
así voy y vengo
en una torre de tiniebla
sin el menos sustento

con la palabra rauda
vuelvo ahora a lo mío
que es una isla feliz
de aguas interminables
en los dominios de viento (BOLAÑOS, 2010, p. 33)

Através dos dezoito versos, o sujeito lírico apresenta sua vida de emigrante repleta de vai e vens, revelando-se, através da construção de um ser multifacetado que, “con aire y en movimiento”, segue os ventos (destino) que o levam. Além disso, ao afirmar no verso “regreso a lo mío esta misma noche”, percebe-se que o eu lírico, faz uso da “noche” para expressar seu sonho, isto é, a ilusão em voltar para seu lar de origem que é “una isla feliz”.

Por ter nascido em Cuba, Bolaños, frequentemente faz referência, em suas poesias, sobre a felicidade em voltar a “isla”. Assim, o desenraizamento do indivíduo diaspórico não significa apenas dor em sair da sua terra natal, da sua cultura de origem, mas principalmente, a felicidade em poder retornar a ela. Desta maneira, o enfrentamento do indivíduo emigrante com sua constante diáspora pode atribuir-lhe uma capacidade inquestionável de formar e esculpir sua cultura permanentemente.

Em *Las palabras viajeras*, Aimée G. Bolaños, aponta a lembrança das vivências em solidão, como por exemplo, expressa no poema supracitado, “así voy y vengo en una torre de tiniebla”, demonstrando também as perdas, as viagens para o desconhecido, para o novo, utilizando-se de heterotopias que descrevem a dor e o prazer de sua diáspora. Para Bolaños:

No imaginário da diáspora, as heterotopias são espaços alternativos, oníricos, projetivos, que sinalizam conflitos, omissões, ausências e não poucas vezes configuram refúgios míticos onde os sujeitos se encontram em uma memória habitada desde dentro pelas ficções da identidade mais complexas. (BOLAÑOS, 2010b, p. 179)

Por meio de alguns poemas que foram examinados neste artigo, pertencentes ao livro *Las palabras viajeras*, é possível notar que, por configurar-se como uma poeta em trânsito, Aimée G. Bolaños, deixa em seu conjunto de poesias marcas que revelam a escrita de um indivíduo que partiu e ainda não chegou, além de expressar, através de simbologias, o lugar que esta habita sempre em movimento: podendo ser uma ponte, um rio, um labirinto, a soleira, demarcando assim, o seu limiar. Ao tecer sua diáspora, conforme afirma a própria autora: “A Ilha é mapa imaginário, *blue-print*, palimpsesto, sobre a qual cada poeta recria-se e cria os espaços que tenta habitar. (BOLAÑOS: 2010b, p. 179)

Por meio da produção literária de Bolaños, em especial no livro, *Las palabras viajeras*, ficou demonstrada e constatada uma poética da diáspora, em que as identidades são multifacetadas, expressando, com isso, uma poética de reflexão deste indivíduo, isto é, uma poética transnacional que vem sendo muito comum na produção literária contemporânea. Com isso, esta escritora acrescenta ao campo da literatura contemporânea, uma possibilidade de construir novos discursos, embasados na pluralidade dos indivíduos que se caracterizam pela diáspora.

É desta forma que se percebe, em *Las palabras viajeras*, juntamente ao estudo dos teóricos Edward Said e Stuart Hall, entre outros, que a poesia do indivíduo que vive o processo de migração, independente de ser forçado ou não, acaba deixando por refletir em sua escrita os deslocamentos vividos, expressando suas dores, alegrias e descobertas, o que vem de certa forma, nos últimos anos, enriquecendo o debate sobre diáspora não apenas como temática dentro da escrita, mas principalmente, como prática social complexa e, muitas vezes, contraditória.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BAUMGARTEN, Carlos A. A escrita poética de Aimée Bolaños e a questão da identidade. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 41, n. 4, p. 72-82, 2006.

BOLAÑOS, Aimée. G. **Autoficción**: una experiencia creativa. Trabalho apresentado no V Seminário Nacional de História da Literatura. Rio Grande: FURG, 2012. No prelo.

_____. **Las palabras viajeras**. Madrid: Betania, 2010a.

_____. Diáspora. In: BERND, Zilé. **Dicionário das mobilidades culturais**: percursos americanos. Porto Alegre: Literalis, 2010b.

HALL, Stuart. Pensando a diáspora: reflexões sobre a terra no exterior. In: _____. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaide la Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Ed. da UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003. p. 25-50.

MARASHINSKY, Amy Sophia. Maya – Mitologia Hindu. **Wikipedia**. Disponível em: <http://www.olhosdebastet.com.br/textos/MAYA.htm>. Acesso em 10 de agosto de 2012.

SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: _____. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 46-60.



RESENHA: SOBRE *OS ÍNTIMOS* OU DA
NECESSIDADE DE NÃO ESTAR SOZINHO

TAINARA QUINTANA DA CUNHA

Mestranda em História da Literatura pela
Universidade Federal do Rio Grande (FURG),
Licenciada em Letras – Português (FURG).

Contato: tainaraquintana27@hotmail.com

RESENHA: SOBRE OS ÍNTIMOS OU DA NECESSIDADE DE NÃO ESTAR SOZINHO

Tainara Quintana da Cunha

Cinco homens, cinco personalidades distintas, cinco vidas diferentes e uma única intenção na chuvosa noite de Lisboa: reunir-se em um restaurante para falar sobre mulheres e amores. Assim o fazem há anos, uma vez por mês, os amigos Afonso, Pedro, Guilherme, Augusto e Filipe, que nada têm em comum, mas que deliberam sobre a vida, partindo de suas experiências individuais ou coletivas. O que permite traçar o perfil de cada um e concluir, ao cabo, que essas cinco mentalidades convergem para a incompreensão do amor transmutado nas vozes femininas presentes na obra, e multifacetado em amor carnal, paternal ou fraterno.

Sobretudo, essas reuniões mensais fazem parte de uma ordem inerente ao ser humano, refletindo sua vontade de não sentir-se só no mundo, mas sim, parte da coletividade e, por conseguinte, próximo daqueles indivíduos cujas semelhanças sobrepõem-se às diferenças, fazendo com que estes, por algum motivo, assemelhem-se entre si.

Ao explorar as peculiaridades de cada um desses sujeitos, Inês Pedrosa nos apresenta a história de homens cuja vida está atrelada a existência feminina, considerando que a personagem Afonso, médico oncologista, frequentemente, reflete sobre a morte da pequena Mariana, sua filha de apenas oito anos, que morrerá ao cair de uma ribanceira, fato que o faz sentir-se culpado em certos momentos, chegando a despertar sua sensibilidade, posto que ele põe-se a ler sobre o túmulo da menina, numa atitude de arrependimento tardio e na esperança de que ela o escute e o perdoe. Porém, o mesmo não acontece com a mãe da menina, Leonor, de quem lhe é conferida a responsabilidade da retirada de um cancro da mama, “sem prejudicar a autoestima”, conforme pedido da própria mulher. Ao contrário, nessa passagem Afonso ri-se, pois jamais poderá compreender como pode uma mulher pode ter a autoestima concentrada nas mamas.

Dessa forma irônica e bem humorada, a autora fala também às mulheres, através das vozes masculinas tão surpresas quanto confusas e convida à reflexão acerca dos avanços femininos nas mais diversas áreas, conforme o desabafo de Afonso, principal voz na narrativa, por representar uma das interfaces do homem contemporâneo e talvez, a personalidade mais complexa, intensa e pulsante de vida, com relação aos outros colegas:

A emancipação das mulheres parece ter-lhes aguçado um espírito científico perturbadoramente materialista. (...) Acabaram-se os bons sentimentos das mulheres: a timidez, o pudor, a culpa, a entrega desinteressada, enfim, a compaixão. É melhor nem pensar nisso. (PEDROSA, 2010, p.29).

Por afinidade, o protagonista responsável por apresentar seus amigos ao leitor, assemelha-se a Augusto, administrador de uma empresa discográfica que “vê melodia na música mais manhosa”, conforme relato jocoso de Afonso. Esses dois amigos partilham de gostos e costumes semelhantes. Afonso goza da fama de sedutor, Augusto também. O primeiro teve um caso com Margarida, que mais tarde o segundo haveria de namorar. Ambos, cada um a sua maneira, sempre encontram uma forma de gabar-se de suas conquistas amorosas, um dos aspectos que faz deles o centro das atenções na mesa do restaurante, sempre muito bem servida por Celinha, habituada aos gracejos dos rapazes.

Ao contrário da espontaneidade de Afonso e Augusto à mesa da tasca, Pedro prefere manter-se fechado no invólucro que o torna distante do mundo e eternamente ligado à mãe. Sem namorada, esposa ou coisa que o valha, o técnico de informática demonstra profundo conhecimento da alma feminina: “O que eu sei das mulheres, meus amigos, é isto: elas são muita gente ao mesmo tempo. Como se trouxessem todas as variedades da vida dentro de seus corpos. Elas são feiticeiras e anjos e putas. E homens também.” (PEDROSA, 2010, p. 37).

É através dessa forma perspicaz e observadora de perceber o feminino que Pedro descobre o instinto masculino, o que proporciona a ele descobrir-se enquanto homem viril, másculo e apaixonado por Bárbara, personagem ficcional (e por isso ideal) que adentra em sua vida através de um manuscrito oferecido por uma jornalista brasileira, perdida de amores por ele e que mais tarde tiraria a própria vida por sua causa.

Por sua vez, outra personalidade alterada pelos descompassos da vida e pela ausência do afago da família é Guilherme que preferiu não ser nada, depois que seu pai, sargento, sonhou ver-lhe doutor ou general. Criado em escola militar e, submetido aos rígidos regimes desta instituição, o jovem Guilherme empregou-se, afinal, numa farmacêutica, local onde conheceu sua grande paixão: Clarisse, moça que mais tarde tentaria esquecer com todas as suas forças: “Saí do colégio e empreguei-me na farmacêutica. Nisso tive sorte. Assim encontrei e perdi Clarisse.” (PEDROSA, 2010, p. 59).

Todavia, um dos cinco amigos se distingue totalmente dos demais porque, segundo sua autoavaliação, nenhum deles é suficientemente bom para ser equiparado consigo. Seu nome é Filipe, um aspirante a artista que julga seu talento demasiado grande para ficar esquecido num país tão pequeno. Ao lado da mulher, Benedita, outro “talento injustiçado”, o último dos cinco amigos perde-se no seu desmedido egocentrismo e dirige-se aos demais de maneira superior.

Assim como ocorre com os outros rapazes, quase tudo o que se sabe de Filipe é dito por Afonso. Segundo ele, “Filipe é um interesseiro incapaz de identificar seus próprios interesses. Um falhado que persiste na falha. Um miúdo imune à introspecção. (...) O louco da aldeia que confirma a sanidade mental dos outros.” (PEDROSA, 2010, p. 160).

Mesmo frente às inúmeras diferenças que os cercam, por uma estranha necessidade de estar reunido, o grupo precisa de Filipe e vice-versa. O que justifica a necessidade do ser humano de não estar só, mesmo que isso acarrete a convivência com sujeitos de presenças tão diversas e complexas. Eis nesta afirmação uma das grandes reflexões para a qual nos convida Inês Pedrosa em sua obra *Os Íntimos*.

A autora promove o enlace de diversas vozes e estilos narrativos num texto fragmentado, convergindo para a busca das respostas que diferenciam homens e mulheres, mas, sobretudo, a obra lança mais questionamentos para que se possa entender o ser humano e os diferentes comportamentos que pautam sua existência como a necessidade de não estar sozinho, por exemplo.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

PEDROSA, Inês. *Os Íntimos*. Objetiva, Rio de Janeiro: 2010.